



MEMÓRIA, HISTÓRIAS DE VIDA E ENSINO DE HISTÓRIA

Raquel Alvarenga Sena Venera
Universidade da Região de Joinville
raquelsenavenera@gmail.com

Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
soniamaiw@gmail.com

Este dossiê é fruto de uma fértil parceria de pesquisa¹ interinstitucional coordenada pelo Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto)biografia, Laboratório de História Oral (LHO), da Univille, em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), o Museu da Pessoa e outros grupos e laboratórios de pesquisa, situados nas cinco regiões do Brasil. A maior parte das investigações que serão apresentadas neste dossiê são um esforço para a organização de um acervo sobre as histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es que conformaram o campo/área/espço do Ensino de História. As demais, resultam de um esforço de diálogo entre pesquisadores nacionais e internacionais acerca de temas que tem se mostrado tão potente em tempos de disputas de narrativas. Portanto, trata-se de uma proposta coletiva, forjada por pesquisadoras/es empenhadas/os na construção de fontes sobre o seu próprio campo de atuação.

Nesta oportunidade ampliam-se as possibilidades de diálogos e articulações com pesquisadores e pesquisadoras dispostos a compartilhar reflexões a partir da triangulação entre a memória, a histórias de vida e o Ensino de História, demonstrando como o trabalho acadêmico pode e deve se articular a outras narrativas públicas de história. Trata-se de uma aposta deste lugar

¹ Materializada na aprovação de propostas de pesquisas no Edital de Chamada Pública FAPESC/CNPQ n° 38/2022 e no Edital de Chamada Pública FAPESC n° 54/2022.

que busca assentir resultados que acolham: memórias docentes, constituição de fontes, histórias de professores marcantes, lembranças, esquecimentos, ressentimentos, questões socialmente vivas, injustiça epistêmica, questões do tempo presente, práticas científicas e políticas dos professores/as de História, narrativas sobre a (re)criação ou ampliação dos campos dos conhecimentos/saberes/fazeres, a construção do Ensino de História enquanto campo epistemológico, negociação dos sentidos sobre o objeto de pesquisa, as narrativas estruturadoras do campo, os dissensos da memória no campo do Ensino de Histórias, memórias sobre práticas pedagógicas de professores/as e representações sociais dos/as professores/as e pesquisadores/as do Ensino de História. Foram acolhidos textos produzidos a partir de resultados de pesquisas utilizando a metodologia da história oral, narrativas de vida e histórias de vida, narrativas (auto)biográficas, biografias históricas, reflexões acerca da perspectiva de se pensar formas diferentes de escrever a história e de se formar profissionais de História dentre outras possibilidades.

Vivemos tempos contraditórios. Por um lado, temos a valorização exacerbada da capacidade cognitiva humana de resolver todos os problemas que se apresentam à humanidade. De outro, cresce a descrença de muitos na viabilidade de as Ciências darem respostas às crescentes angústias e conflitos contemporâneos, sociais ou individuais. No campo historiográfico, esse contexto, resulta na necessidade cada vez maior de reflexões acerca da relação entre memória e história, por mais consolidada que essa discussão possa parecer para os especialistas, assim como no aprofundamento dos estudos acerca da importância de outras dimensões constitutivas do conhecimento histórico, que não apenas a cognitiva. Noções e conceitos como memória, narrativas, identidades e subjetividade passam a povoar artigos e pesquisas acadêmicos, assim como estratégias de práticas profissionais de historiadores e professores de história em outros territórios que não os formalmente acadêmicos, como os das mídias em geral, ou os resultantes de atividades extensionistas ou de divulgação científica em geral.

Por conta da disputa de narrativas históricas que caracteriza os dias atuais, e, considerando as consequências sociais e políticas desse processo, o profissional de história, em especial o professor de quaisquer níveis de ensino, na defesa da legitimidade de sua práxis, vem incorporando em suas análises caminhos teóricos e metodológicos que dão maior complexidade à teia que une memória e explicação histórica, subjetiva e ao mesmo tempo comprometida com a intenção de verdade histórica.

Nesse contexto, a adoção da História oral e da História de vida como caminhos teórico-metodológicos em pesquisas históricas ou práticas pedagógicas justificou-se, portanto, por incorporar a preocupação com a importância do subjetivo, do afetivo, do particular na constituição da narrativa histórica sem renunciar ao rigor científico, sobre como se constroem os espaços epistemológicos e didáticos do Ensino de História. Sem dúvida, “os desafios do presente convocam o vivido, o presente de quem é docente convoca memórias, sejam elas do passado enquanto discente ou dos percursos da própria profissão docente” (Cunha, 2017). É com a “memória exercitada” (Ricoeur, 2007, 70) que encontraremos escolhas de narrativas e negociação de sentidos sobre formas de ser e estar no ofício docente. Logo, cabe ressaltar que os estudos apresentados neste dossiê vão ao encontro de uma lembrança/memória que ressignificam as referências de pertencimento desses sujeitos, como reforça Paul Ricoeur:

[...] lembrar-se não é somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é ‘exercitada’. [...] o reconhecimento, que coroa a busca bem-sucedida, designa a face cognitiva da recordação, ao passo que o esforço e o trabalho se inscrevem no campo prático. (Ricoeur, 2007, p. 71)

Quando os territórios de aprendizagem histórica, sejam os tradicionais – como as salas de aula –, sejam os públicos – como os criados pelas mídias analógicas ou digitais – ampliam a importância do processo de rememorar, de revisitar a vida de indivíduos a partir de suas próprias lembranças e da oralidade, é fundamental a reflexão do profissional de história que, além de corroborar o valor de dar visibilidade a práticas e leituras de mundo singulares, vem lembrar que estas são também depoimentos de práticas sociais, uma vez que todo indivíduo está inserido no mundo em vários contextos sociais.

Para além disso, considerando-se a dimensão pedagógica do conhecimento histórico, valorizar histórias de vida pode auxiliar no resgate de nossa humanidade e na denúncia de práticas que nos violam no cotidiano. Portanto, metodologicamente, o trabalho pedagógico a partir dessa estratégia pode desnudar condições degradantes de ser e estar em diferentes territórios sociais, contribuindo no processo de conscientização, desestigmatização e (re)educação para uma sociedade mais solidária.

Os dois artigos que iniciam o dossiê já são resultados da pesquisa que lhe deu origem. Em “Memórias do campo: Algumas questões sobre Memória, História e Ensino de História”, Erinaldo Cavalcanti (UFPA), dialoga com Nora e Ricoeur para demonstrar como o embasamento do trabalho que vem sendo desenvolvido problematiza o uso da memória para a ciência histórica.

A partir de recortes das cinco primeiras entrevistas realizadas, Cavalcanti identifica como esses relatos apontam uma diversidade de significados para o ato de ensinar, pesquisar e, o que se mostra significativo para as discussões que propomos, para a própria definição de campo para o ensino de história.

Já o artigo de Jaqueline Zarbato (UFSC), “Memórias de professoras de História: Sobre si mesma e os processos de formação em História”, analisa as relações existentes entre os relatos de duas das docentes entrevistadas, pertencentes à primeira geração do campo do Ensino de História, e o contexto familiar, social e político na qual se deram tais vivências. Em um texto cativante, a autora entrelaça por meio de fragmentos de memória das entrevistadas o contexto histórico nacional ao fazer possível e desejável na docência.

Ainda fazendo dialogar o contexto histórico e suas repercussões, agora também na formação docente, o artigo “Sujetos de la memoria social: Experiencia de formación política y de docentes em el contexto del conflicto armado colombiano”, escrito pelos pesquisadores formadores de professores colombianos Wilson Armando Jimenez, Sandra Ávila e Jorge Enrique Ótala, discute se e como questões relacionadas ao conflito armado na Colômbia aparecem nos currículos de Ciências Sociais e História naquele país e como temas sensíveis relacionados à história recente e a memória social podem e devem ser trabalhados na prática docente. Os impactos desse processo são analisados pelos autores a partir de depoimentos obtidos para o projeto Formación Política y Memoria Social (FPMS) da Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia.

Augusto Ridson Miranda, professor da Secretaria de Educação do estado do Ceará, e Luis Fernando Cerri (UEPG) apresentam um texto que relaciona História de vida à Didática da História, situando a potência da primeira na compreensão da geração histórica de sentido e formação cultural-identitária. A pesquisa, realizada a partir da entrevista com uma professora identificada com o campo do Ensino de História e indicada como referência formativa por alunos da Universidade Estadual do Ceará, aponta que o método favorece a compreensão da formação cultural-identitária, bem como permite entender que a mobilização dos modos de geração histórica de sentido depende dos sentidos dados a essa formação, pavimentando caminhos para desenvolver uma teoria da ação comunicativa historicamente situada.

O quinto artigo apresentado neste dossiê propõe reflexões sobre trajetórias de mulheres negras, educação antirracista e ensino de História. Manuela Costa e Larrissa Alencar, ambas da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), utilizam aportes teóricos e

metodológicos do Feminismo Negro e da História Oral para dar luz às trajetórias de Eva Maria de Jesus, fundadora da Comunidade Quilombola Tia Eva, e Gonçalves Faustina de Oliveira, educadora, visando demonstrar o protagonismo de mulheres negras no município sul-matogrossense de Campo Grande e a importância de dar visibilidade à essas trajetórias no ensino de História. Ler “De Tia Eva A Dona Goia: Caminhos para uma Educação Antirracista em Campo Grande – MS” pode significar apropriar-se de uma estratégia didática fundamental para diferentes cenários do ensino escolar no Brasil.

Os efeitos da pandemia de COVID-19 na prática docente ainda são tema de debate e consideração de educadores, principalmente em se tratando da Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino que se caracteriza por ser uma das mais negligenciadas, como dizem as autoras de “Experiências docentes na Educação de Jovens e Adultos: Narrativas de vida e práticas de professores de História durante o isolamento social”, as professoras Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (UFRJ), Ana Carolina Oliveira Alves (Unicamp) e Cacilda Fontes Cruz (UERJ/FFP). O texto, utilizando-se de uma abordagem qualitativa na perspectiva da Educação Crítica, reflete sobre mudanças nas práticas de educação durante o período a partir de histórias de vida de docentes, inferindo como suas trajetórias pessoais influenciaram na mobilização de saberes para enfrentarem as políticas impostas pelos sistemas educativos.

Cristiano Nicolini (UFG) em “‘Cartas de Intenções’ de ingressantes no ProfHistória: Relações sobre Histórias de Vida, Ensino e Pesquisa” comunica uma experiência desenvolvida na disciplina História do Ensino de História, do ProfHistória da Universidade Federal de Goiás através da qual os docentes-mestrandos por meio de uma “carta de intenções” descrevem suas expectativas em relação ao curso e relatam experiências pessoais e profissionais. Esses documentos/fontes são analisados na perspectiva de histórias de vida para fins de formação docente, demonstrando ser importantes ferramentas para uma proposta de um processo formativo que construa sentidos e valorize as subjetividades individuais, sem perder de vista a dimensão coletiva que o legitima.

Fechando os artigos específicos do dossiê temos a instigante proposta de Edson Silva de Lima, pós-doutorando no PPGHS da UERJ/FFP, da necessidade de os historiadores profissionais aprofundarem discussões acerca das convenções e das estruturas de apresentação e pensamento científico oitocentista e suas diretrizes científicas que ainda permeiam a escrita da história. Explorando a capacidade geradora de sentido histórico de diferentes narrativas públicas do tempo presente, Lima trabalha com a noção de consciência histórica para jogar luz nas

discussões que se mostram tão presentes hoje no campo historiográfico a respeito da História Pública.

Como artigos livres também presentes nessa edição da TransVersos temos os artigos “Mythos e imaginação no ensino de História: Experimentando sentidos”, de Yomara Feitosa Caetano de Oliveira (Uespi), Paulo Rogério Melo de Oliveira (UNIVALI) e Marciano Kraemer, professor da Prefeitura de Balneário Camboriú-SC; e “A instalação da Comissão de Heteroidentificação nos cursos de Direito e Medicina da UFAM, 2019 - 2020”, de Fábio Souza Correa Lima e Fernanda Cavalcante Gama, ambos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O primeiro artigo livre discute o uso do mito e da tragédia como faculdade da imaginação histórica no ensino de História, a partir de uma experiência transdisciplinar realizada em uma escola pública de Balneário Camboriú (SC). Na experiência apresentada o mito de Prometeu é utilizado como recurso didático narrativo para imaginar noções de tempo significativas e alternativas ao tempo linear, racional e cronológico.

Já o último texto investiga o papel das Ações Afirmativas (AAs) e o contexto de instalação da Comissão de Heteroidentificação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) nos cursos de Direito e Medicina entre os anos de 2019 e 2020, relacionando a aplicação de políticas públicas desse teor com a garantia da correta aplicação da lei nº 12.711/12 na universidade.

Desejamos que as leituras deste dossiê contribuam para novas pesquisas que articulem memórias, histórias de vidas e Ensino de História. Que inspirem a decisão de trazer as experiências de vida ao centro das investigações e produção heurística.

Joinville, Rio de Janeiro, dezembro de 2024

Raquel Alvarenga Sena Venera

Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Charles Moreira. *Memórias Docentes: Provocações do Presente*. Jundiaí/SP, 2017.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

Como citar:

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. Memória, Histórias de Vida e Ensino de História. *Revista Transversos*. Dossiê: Memórias, Histórias de Vida e Ensino de História. Rio de Janeiro, n.º. 31, 2024. pp. 6 - 12. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/80986>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2024.88509